

**OS NÓS DO MEU QUIPU:
des/re-territorializações identitárias em um estudo
autoetnográfico de formação docente**

**THE KNOTS OF MY QUIPU:
de/re-territorializations of identity in an
autoethnographic study of teacher training**

Letícia Gottardi

Licenciada em Letras Português e Inglês pela Universidade estadual de Goiás;
Mestra em Educação, Linguagens e Tecnologias pelo Programa de Pós-Graduação, UEG;
estudo e pesquisa sobre escrita acadêmica, escrita de si (narrar-se), em diálogo com perspectivas decoloniais e com enfoque
na educação linguística crítica.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6172-4860>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4942603943952846>

E-mail: l.gottardi@hotmail.com

Resumo:

Nesta pesquisa autoetnográfica (Ono, 2018) problematizo questões que surgem na multiplicidade do eu a partir de nós identitários que são os entrelaces entre narrativas que aproximam pessoas. Estes processos estão presentes nos deslocamentos existentes na narrativa autobiográfica que constitui o material empírico deste trabalho. A partir da consciência da multiplicidade do eu e dos meus atravessamentos identitários traço discussões acerca da identidade em suas múltiplas definições e ramificações (Butler, 1999; Silva, 2000; Hall, 2006; Woodward, 2003), da fronteira e a pertença (Martins, 1997; Fabrício, 2006; Águas, 2013; Krenak, 2020) e da afetividade (Maturana, 1998; Perez, 2018, 2020). Visto que é via linguagem que as relações de poder são normalizadas- e, essas operações, também podem ser fissuradas, provocando possíveis sementeiras (Walsh, 2021) dentro do projeto moderno-colonial (Marra; Rezende, 2018). Logo, existir em uma sociedade, que tem como sistema de organização o projeto moderno-colonial, e preferir viver na ignorância que os privilégios fornecem, é colaborar para uma manutenção cruel das desigualdades e, assim, contribuir com um tornar-se docente na perspectiva crítica.

Palavras-Chave: Identidade; fronteira; afetividade; educação linguística crítica; autoetnografia.

Abstract:

This autoethnographic (Ono, 2018) research aims to problematize the issues that arise in the multiplicity of the self from the identity nodes, present in the existing shifts in the autobiographical narrative that constitute the empirical material of this work. From the awareness of the multiplicity of the I and my identity crossings, I draw discussions about identity in its multiple definitions and ramifications (Butler, 1999; Silva, 2000; Hall, 2006; Woodward, 2003), of the border and belonging (Martins, 1997; Fabrício, 2006; Águas, 2013; Krenak, 2020) and affectivity (Maturana, 1998; Perez, 2018, 2020). Since it is through/in the language(gem) that power relations are normalized- and these operations can also be fissured, causing possible seeding (Walsh, 2021) within the modern-colonial project (Marra; Rezende, 2018). Therefore, to exist in a society whose organization system is the modern-colonial project, and to prefer to live in the ignorance that privileges provide, is to collaborate in the cruel maintenance of inequalities.

Keywords: Identity; border; affection; critical language education; autoethnography.

Palavras iniciais 1

Quantas vezes uma conversa profunda nos arrebatava a ponto de perdermos a noção do tempo? Aqueles diálogos que capturam nossa atenção por horas, nos imergindo completamente em suas narrativas, até que percebemos: o dia virou noite, e as palavras ainda ecoam. Foi em um desses momentos, entre xícaras de chá e memórias compartilhadas, que este estudo começou a tomar forma. Recordo-me das histórias entrelaçadas de duas famílias — uma do interior de Minas Gerais, outra do interior de São Paulo — que se tornaram vizinhas na Rua Paraguai, no bairro Vila Esperança, em Pirassununga-SP.

Ambas as famílias buscavam, na urbanização, uma chance de transformação. Vinham de contextos rurais historicamente marginalizados, onde faltavam não apenas infraestrutura básica — escolas, saneamento, hospitais — mas também acessos simbólicos à cidadania plena. A casa própria na cidade representava, portanto, mais que um endereço: era a promessa de emprego, estudo para os filhos e um futuro distante das privações do campo. Essa trajetória ressoa o que Maria Helena Souza Patto (1999, p. 209) descreve como a vida à beira da estrada, da cidade e da vida de famílias migrantes, em uma tentativa esgotante pela sobrevivência no processo de transição entre o rural e o urbano. Neste artigo, examino como esse movimento gera não apenas rupturas, mas também ressignificações — como as que reconstruo aqui.

Quando meus pais se casaram e tiveram três filhos, constituíram o que chamaríamos de uma "família tradicional brasileira", mas com valores transformados. Nossa história exemplifica o esperar de Paulo Freire (1986, p. 110-111): não a espera passiva, mas a luta ativa por mudança. Esperançamos no movimento, buscando melhores oportunidades e nessas des/territorializações (Deleuze & Guattari, 1995) que minha história se delineou.

Sou a primeira pessoa da família a ingressar em uma universidade pública. Licenciada e mestre pela Universidade Estadual de Goiás, reconheço o privilégio e a responsabilidade desse lugar. E, ao problematizar os marcadores sociais, reconheço outras dimensões identitárias — como mulher, branca, educadora, feminista, latina — como parte das praxiologias que me constituem. Neste estudo, alinho-me às perspectivas decoloniais para mapear e analisar como a subjetividade se constrói entre esses nós identitários.

Sendo assim, percebo este movimento autoetnográfico como ato político, logo, com o alerta de Adichie (2019) sobre o perigo da história única, ao narrar-me, busco tensionar as estruturas que silenciam vozes que constituem minha identidade com atravessamentos de

¹ Este artigo é fruto da pesquisa realizada para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso de Letras que defendi em 2020 na Universidade Estadual de Goiás.

privilégios e subalternidades (Spivak, 2010). Pois, como aponta Stuart Hall (2006), identidades são plurais, disputadas e — como os nós de um quipu — passíveis de serem refeitas.

Metodologicamente, recorro à autoetnografia e à narrativa autobiográfica, inspirada nos quipus incas — cordões que registravam histórias por meio de nós. Meu "quipu" é tecido com três nós principais desatados nas próximas sessões deste artigo: (1) a identidade em suas múltiplas camadas; (2) as fronteiras e pertencimentos mapeados afetivamente; e (3) a afetividade como fio condutor. Desatá-los não significa encontrar respostas definitivas, mas abrir-se à incompletude freireana (1996), reconhecendo que identidades são sempre processos em devir.

A Des/Re-Construção Do Meu Quipu

O registro da conversa que tive comigo ocorreu a partir do registro escrito de minhas memórias bem como eventuais recorridas à memória de familiares próximos para reconstruir alguns eventos. Assim, em uma narrativa pessoal, retomo pontos que expõem minhas emoções, meus sentimentos e meus atravessamentos identitários; deles emergem características das relações que tive em meus trânsitos geográficos, culturais e sociais, percebendo relações de poder que fizeram/fazem parte da minha identidade/subjetividade.

Assim, como apontado por Andrea Vetorressi (2014) sobre o estudo de mapas afetivos como um recurso para refletir identidades sociais e espaciais, para esta pesquisa, escolhi trazer o gênero textual da autonarrativa como meu mapa afetivo. Desta forma, levando em consideração os elementos imagéticos ou verbais existentes nos textos que podem construir relações entre tempo, memória e espaço caminham juntos. Neste contexto, como explicitado por Lucilda Delgado, (2003, p. 10), a memória “como forma de conhecimento e como experiência, é um caminho possível para que sujeitos percorram a temporalidade de suas vidas”. Como posto, também, por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1987), podemos levar em consideração que a memória de curto prazo se apresenta como um tipo rizoma ou diagrama e a memória de longo prazo é arborescente e centralizada, como uma impressão, um engrama, um traçado ou uma fotografia. Dessa forma, o rizoma construído por meio das minhas memórias, tendo a linguagem como repertório, tornou possível esse diálogo que tive comigo. Isto posto, a autonarrativa, material empírico desta pesquisa, é constituída por oito páginas escritas em fluxo de consciência entre os meses de abril e junho de 2020, em um contexto pandêmico.

À vista disso, conheci a história da minha família por meio de conversas que tive com meus familiares ao decorrer da minha vivência com eles. Durante o processo de escrita da narrativa, neste movimento de revisitar essas memórias delineadas pelo conhecimento de que

**OS NÓS DO MEU QUIPU:
des/re-territorializações identitárias em um estudo
autoetnográfico de formação docente**

me apropriei na graduação, pude ressignificar algumas relações que tive/tenho com a minha família. Logo, só posso dizer que sou, porque sou antropofagicamente outra/os com quem compartilhei a minha existência (Martins, 1996).

Essa metáfora me auxiliou a refletir durante o processo de análise dessa pesquisa. E, quando faço alusão aos Cordões Incas é sobre esse movimento das linhas que compõe esses nós presentes no cordão, eles são misturas de diversas subjetividades na minha relação com as/os outras/os, é como se a linha que me separa da/o outra/o fosse a mesma que me une. Por isso, escrever a autonarrativa foi perceber os nós da minha identidade e encontrar possibilidades outras, nesse processo de (re)significar atravessamentos que me aconteceram e passaram despercebidos em todo esse período, foi como se eu pudesse olhar para a Letícia criança, adolescente e falar: a angústia era real. Esse tipo de pesquisa, ainda muito recente no Brasil, me fez ficar insegura durante a escrita deste trabalho. Trazer a minha voz e ter minha narrativa/vivência exposta é um “processo bastante profundo, incômodo e doloroso, foi sofrer previsivelmente por conta do que tem que ser feito, da pesquisa, do relato da pesquisa e do modo como se deseja fazer” (Ono, 2017, p.38). Assim, validei emoções, afetos e sentimentos que antes não tinham espaço para existirem, fiz isso sem precisar pedir licença.

Este estudo está alicerçado na perspectiva metodológica qualitativa-interpretativista, proposta por Norman Denzin e Yonna Lincoln (2013), em que as “minhas interpretações podem ser apenas uma de muitas outras possíveis e que podem mudar em oportunidades outras, com repertórios outros, através de sentidos outros” como posto por Silva (2020, p. 25). E, para a proposta metodológica serão adotados os aspectos da pesquisa autoetnográfica alicerçados às pesquisas de Cristóvão (2018), Ono (2017, 2018) e Maria Hoelzle (2016), pois entendo a linguagem como constitutiva das identidades que, sendo assim, possuem caráter de fluidez e performatividade, como aponta Butler (1999).

Além disso, os atravessamentos identitários que percebi durante a análise autoetnográfica, presente neste estudo, evidenciaram que tanto o “processo individual quanto o colaborativo dependem de relações dos pesquisadores com outros” (Ono, 2018, p. 59). Dessa forma, quase que intuitiva, cheguei aos pontos que Ono (2018) expõe sobre pressupostos da autoetnografia. Este fato ajudou no processo de perceber as inseguranças e me fez continuar seguindo com essa pesquisa. Sendo assim, recupero aqui alguns desses pontos para o entendimento desse processo metodológico, tal como exposto por Ono (2018, p.53):

Reconhecimento dos limites do conhecimento científico visando a expandir o apreço pela pesquisa qualitativa; Preocupação intensificada acerca de políticas e éticas em pesquisas; Consideração e apreciação pelas narrativas, literatura e estética, emoções e o corpo; Avanço no

reconhecimento de identidades sociais e políticas identitárias.

Optei pela autoetnografia, pois é uma metodologia que pode contribuir para “uma expansão e ampliação de interpretações culturais e identitárias sob um outro viés, menos rígido, menos binário, menos engessado” trazendo à tona “o pensamento rizomático – não linear – e a hibridização cultural” (Ono, 2018, p. 60). Em busca deste autoconhecimento, trago, na sequência, a construção de um cordão de relações que se perpassam e se conectam construindo o eu e a/o outra/o em alguns nós que pretendo desatar neste trabalho. Desta forma, a des/re-construção da minha identidade me fez/faz refletir quanto professora de linguagem em formação, comecei a entender a sala de aula de linguagem como um espaço que também reflete relações de poder e proporciona um espaço entre as diversas realidades existente de onde emergem narrativas diversas que dentre elas as/os de sujeitas/os marginalizadas/os.

Cordão Autoetnográfico

Falar sobre mim para mim foi a maneira que encontrei para lidar com questões que envolvem minha constituição em colaboração com a/o outra/o, é a tentativa, não essencialista, de compreender os processos de identificação de forma consciente dentro da minha formação quanto sujeita. A ambivalência existente dentro da relação de identificações (Hall, 2000) sinaliza quais são as os marcadores identitários que incluem ou excluem pessoas da narrativa de sucesso social (Spivak, 2010).

Em busca deste autoconhecimento, trago, na sequência, a construção de um cordão de relações que se perpassam e se conectam construindo o eu e a/o outra/o em alguns nós que pretendo desatar neste trabalho. Desta forma, a des/re-construção da minha identidade me fez/faz refletir quanto professora de linguagem em formação, comecei a entender a sala de aula de linguagem como um espaço que também reflete relações de poder e proporciona um espaço entre as diversas realidades existente de onde emergem narrativas diversas que dentre elas as/os de sujeitas/os marginalizadas/os.

Em vista disso, esse cordão possui nós que encontrei durante toda essa conversa, proporcionada pela multiplicidade que existe em mim, e perceber os nós também foi perceber as feridas. Tomo como nós os enlaçamentos de histórias na intenção de mostrar que, por meio da linguagem e da consciência de si, estas linhas possam ser desatadas em seus nós, favorecendo a visão das partes que compõem este todo complexo. Esses nós, atravessamentos identitários que trago em minha narrativa, possibilitaram a percepção dos nós na minha formação enquanto cidadã e da minha prática educativa. Assim, pude perceber que ao trabalhar com narrativas pessoais posso, tal como outras/os professoras/os, contribuir para uma sociedade que entende

**OS NÓS DO MEU QUIPU:
des/re-territorializações identitárias em um estudo
autoetnográfico de formação docente**

a/o outra/o, refletindo sobre a partilha de existências, percebo como essa troca pode contribuir para que as pessoas se olhem via linguagem impactando de forma significativa a construção do eu.

Neste viés, este texto se constrói a partir de uma estética que espelha seu próprio objeto de análise: assim como as identidades não se deixam aprisionar em categorias rígidas, as narrativas que as compõem também não se separam da tessitura discursiva que as interpreta. A decisão de manter o material empírico — as histórias e vozes que fundamentam esta pesquisa — em *itálico* e integrado ao corpo do texto vai além de uma simples escolha estilística. Trata-se de um posicionamento metodológico que busca, antes de tudo, rascunhar o rizoma nesse processo, pois ao recusar a essencialização das identidades, resisto à fragmentação analítica que artificialmente separa experiência e interpretação, e afirmar o sujeito como um devir permanente, em processo, sem definições estáticas.

Nessa escrita híbrida, em que a teoria e a narrativa se mesclam, a própria forma se torna conteúdo — uma maneira de demonstrar, na materialidade do texto, que identidades não são objetos a serem dissecados, mas tramas vivas que só fazem sentido em sua totalidade orgânica e inacabada. O *itálico*, aqui, não é apenas um recurso tipográfico, mas um gesto político de preservar a integridade dessas vozes, mesmo quando as submetemos ao olhar analítico. Afinal, na perspectiva decolonial que orienta este trabalho, não há neutralidade possível quando falamos de vidas reais — logo, as escolhas éticas de representação deste movimento que é o registro científico (Gottardi, 2023).

Primeiro Nó

Pensando sobre esses trechos narrados, concluo que meu desejo se manifesta de modo alinear: processos dinâmicos de identidade; identidade-questão de linguagem; identidade alteridade; gênero memorialístico; formação da identidade e relação com o silenciamento; construção do eu a partir do outro; narração dialógica; memórias coletivas; e, entre outras perspectivas e pensei: eu preciso estudar isso!

Sempre escolheram por mim quem eu deveria ser, essas escolhas que definem o ser mulher e ser filha precedem a subjetividade. Incorpora-se à criança a aspiração do adulto sem acolher o sentimento e sem pesar como isso vai se desdobrar na vida social daquele ser, mais uma vez fazendo algo que eu não queria.

Não foi ao acaso que dei o pontapé inicial para perceber a diferença e a identidade, isso aconteceu quando tive contato com as teorias que me proporcionaram pensamento crítico sobre as produções de sentido. Então, o termo *italianidade* foi algo que dizia muito sobre mim, mas

eu não sabia certamente como. Seria só o fato da minha ascendência? O que eu ia fazer com isso? Essas questões remetem diretamente a minha necessidade de ter que re-presentar minha identidade e me entender como um eu coerente, quando se tratava de contar a minha confortadora narrativa do eu (Hall, 2006). Tomás Tadeu da Silva (2000) discorre sobre a representação externa por meio de sistemas de signos e interna por meio das representações do real, sobre isso traço uma relação entre o subjetivo e aquilo que meu repertório consegue manifestar, estabelecendo uma relação inseparável entre identidade e diferença.

É fácil compreender, entretanto, que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. A forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação. Quando digo ‘sou brasileiro’ parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. ‘Sou brasileiro’ - ponto. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que não são brasileiros. Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido. De certa forma, é exatamente isto que ocorre com nossa identidade de ‘humanos’. (Silva, 2000, p.74)

Logo, se instaura mais uma crise identitária que me levou para a minha ascendência, ainda mais aquela que está marcada no meu único sobrenome, Gottardi. Por muito tempo procurei na hegemonia desse sobrenome, as produções de sentidos que ele causa no imaginário social e as consequentes formas de ser que são lançadas como expectativas sobre a/o sujeita/o. Essa busca pela minha identidade por meio do nome é exemplificada por Pierre Bourdieu (1996, p.187) que aponta “em outras palavras, ele só pode atestar a identidade da personalidade, como individualidade socialmente constituída, à custa de uma formidável abstração”; penso que essa abstração se consolida com a manutenção das relações de poder presentes no molde moderno colonial de sociedade que vivemos.

Ainda sobre o tema italianidade, dentro da universidade vi uma possibilidade de estudo sobre a minha ascendência e assim responder à pergunta quem eu sou? Pela primeira vez consegui ampliar o olhar sobre a história da imigração italiana, ainda que é sobre a história de um povo que esperançou para o lado cá do globo, também com a promessa de melhoria de vida da modernidade, saindo de um lugar que também subalternizava a vida humana, mas ainda com o privilégio marcado na pele branca e na posição geográfica europeia no currículo. Essas famílias chegaram aqui e foram compor as margens sociais e dividir o drama existencial dessa fase da nossa história com o problema de classe, raça e gênero que marca a pintura social ainda hoje. Essas produções de sentido, em torno dessa questão da minha ascendência são sustentadas pelo valor da história única (Adichie, 2019), fazendo com que me veja como um ser de

**OS NÓS DO MEU QUIPU:
des/re-territorializações identitárias em um estudo
autoetnográfico de formação docente**

privilégios, mas que esses privilégios não anulam as minhas subalternidades (Urzêda- Freitas, 2021) como as da realidade em que vivi na periferia.

A ida da minha mãe para SP motivou a ida dos meus avós (Gloria que trabalhava como merendeira e Francisco que trabalhava como jardineiro²) para lá também. E, por coincidência, ou não, eles venderam a casa em Minas Gerais e compraram uma em Pirassununga-SP, Vila Esperança na Rua Paraguai (Zona Norte de Pirassununga, zona periférica até hoje), ao lado da casa dos que viriam a ser meus avós paternos (Maria Aparecida e Reinaldo), ou seja, ela era vizinha do meu pai Marcelo, filho de doméstica e de mecânico. Me lembro de quando morei lá, na casa do meu avô paterno, na rua Paraguai, foi uma época significativa para mim, brincava na rua sempre.

Até os 11 anos morei na Zona Norte de Pirassununga- SP, zona periférica, convivi com pessoas de diversas realidades, meus pais, assim como meus avós queriam vislumbrar outra realidade para suas filhas e filho que não fosse na margem social, então o trânsito geográfico sempre representou essa possibilidade para minha mãe e meu pai. Ao mesmo tempo que nos tornava estrangeiros em um estrato social diferente. Eu recebia olhares que me percebiam como estrangeira, mas este outro lugar ao qual eu pertencia não correspondia a este cenário de privilégios. Foi importante refletir sobre qual seria a confortadora narrativa do eu (Hall, 2006) que eu contaria. Então, transitei entre Goiás e São Paulo, tentando dar sentido para esses movimentos presentes na minha vida. E a angústia do quem eu sou era sempre presente.

Stuart Hall (2006) traz isso como crise de identidade, para o autor, só questionamos a identidade quando ela está em crise, penso nesse movimento como trânsito que, em minha história, começou por trânsitos geográficos e agora passa por trânsitos abstratos e subjetivos, não mais demarcados por fronteiras espaciais, mas sim, por marcações semióticas cheias de camadas de produção de sentido. Portanto, é neste entre lugar que me construí quanto sujeita neste lugar entre em que “abre-se para a diversidade – como também para os riscos e incertezas – do entrelugar fronteiro” (Águas, 2013, p.11). Posto isso, percebo como fronteiriça, a (re)construção da minha identidade viabilizando não só a separação de lados, mas também a união (Águas, 2013).

Sendo assim, esse entrelugar dialoga com o que Hall (2000, p. 108) discorre sobre conceito de identidade, na concepção de que “as identidades não são nunca unificadas; que elas

² Faço essas marcações em relação às profissões dos meus familiares na intenção de evidenciar que a chegada à universidade para jovens da periferia é uma construção geracional, cada geração galga um passo, dando cada vez mais força ao argumento “*o estudo ninguém te rouba e a única herança que posso te dar*” que na minha narrativa impulsionou o trânsito dos meus avós, mãe e pai.

são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas” sendo construída de formas múltiplas por meio de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos, processo de constantes mudanças, logo o termo identidade pode ser usado para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de- sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. (Hall, 2000, p. 111-112)

A identidade, em vista disso, é um dos conceitos que pode atuar sob rasura, em um intervalo entre a inversão e a emergência, uma concepção que não pode mais ser vista com lentes antigas, mas que não podem ser desconsideradas ao se pensar sobre (Hall, 2000).

Portanto, nessa tentativa de encontrar a minha confortadora narrativa do eu me deparei com o marcador identitário forjado no imaginário social, o fator biológico como qual nasci como um ponto decisivo para minha existência. Aqui é marcado como resistência, em muitas vivências não quis evidenciar que a condição de ser lida como mulher me diferenciava. Acreditava ser uma característica que não precisava ser acentuada, outra ferida, a de acreditar que somos tratadas/os como iguais pela condição de sermos humanos, acreditei nessa confortadora narrativa do eu por muito tempo, mas as feridas coloniais e patriarcais presentes na palavra mulher e no meu caso mulher latina existem e ainda sangram, principalmente, em um contexto político de desrespeito aos direitos humanos e com as lutas e embates pelas pautas de gênero³.

Segundo Nó

Itaú de Minas-MG, Pirassununga- SP, Leme- SP, Belo Horizonte- MG e Anápolis-GO. Sabe, enquanto conversava comigo e tomava consciência desses deslocamentos percebi que os trânsitos da minha família, assim como os meus, poderiam ser pensados por meio das lentes da sociologia e antropologia, além da linguagem. Me deparei com a fronteira sendo um marco importante nas minhas construções identitárias e com auxílio da transdisciplinaridade pude repensar como isso poderia ser observado na minha narrativa. Filha de mineira casada com um paulista, nasci no interior do estado de São Paulo, mas passei minha adolescência no estado de

³ A título de exemplo, convido a/o leitora/or a pensar sobre as condições desiguais vividas durante a pandemia de COVID-19 deflagrada pela OMS em janeiro de 2020. No Brasil os números de feminicídio tiveram alta mesmo durante as medidas de isolamento social, o que me leva a concluir que a casa, também, não é um lugar seguro de convivência para a mulher.

**OS NÓS DO MEU QUIPU:
des/re-territorializações identitárias em um estudo
autoetnográfico de formação docente**

Goiás e hoje não me percebo paulista e nem goiana.

Estou falando de pertença, também é disso que se trata esse trabalho. Aqui, em Goiás, tive contato com uma cultura diferente da que eu tinha vivido até esse período. Comer feijão tropeiro às 9h da manhã na escola era muito diferente, escutar corgo era uma palavra nova. Toda vez que eu falava tinha alguém que dizia nossa, olha como ela fala diferente, eu não queria estar em Goiás, meus amigos, minha família, meus costumes, ficaram todos lá e aqui eram só lembranças, durante muito tempo revolta, tudo o que eu fazia era para um dia voltar para São Paulo.

As referências que me davam uma certa sensação de pertencimento entram em crise e passam a se constituir na identidade de um eu fragmentado que é formado na marcação da diferença, característica da/o sujeita/o pós-moderno. Toda essa fragmentação é apontada por Stuart Hall (2006, p.9) como uma transformação estrutural característica das sociedades modernas, mais especificamente a partir do século XX, mostrando uma fragmentação de paisagens culturais, tais como classe gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que antes possuíam sólidas localizações no imaginário social coletivo. Pensando nessas paisagens culturais vale a reflexão de que,

[a] sociedade não é como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo ‘descentrada’ ou deslocada por forças fora de si mesma. (Hall, 2006, p. 17)

Logo, não podemos refletir sobre esses deslocamentos sem apontar a globalização, como uma promessa da modernidade, de que as oportunidades seriam para todas/os. A falta de sentido nesses deslocamentos (Krenak, 2020), ou na maioria das vezes carregados de esperança por melhoria de vida, tem por consequência a elaboração de novas identidades que são construídas nesse contexto nem lá e nem cá. Minha mãe, Gislene, filha de doméstica e jardineiro, mudou-se aos 16 anos de Itaú de Minas-MG para Pirassununga-SP, a fim de conseguir estudar enfermagem, a promessa de tentar uma carreira num estado que lhe proporcionaria uma vida melhor.

Para mim esse sentido de mudar por causa da condição social foi diferente do que para meus pais e avós. Aos 11 anos eu não estava pensando sobre lá terei melhores condições de trabalho, ou estudo, mas isso não significa que não estava produzindo sentido. Então, a urgência por encontrar um local de pertença dentro do quadro das representações identitárias ilustra a cena de “quem tem o poder de representar tem o poder definir e determinar a identidade” (Silva,

2000, p. 91).

Isto posto, os sentimentos como a angústia era real, eu não queria estar em Goiás, marcaram as produções de sentido que eu tinha sobre as relações de poder que permeiam ser de Goiás e ser de São Paulo. Esse conflito me causou muita angústia, eu não pertencia a esses lugares, ser estrangeira tanto lá quanto aqui foram pontos decisivos para minha construção identitária. O silêncio foi um dos recursos que encontrei para dar conta desse processo atravessado pelo gênero, pelas mudanças culturais, pela classe, pelo meu corpo sempre marcando alguma diferença/dissidência (Ramos-Soares, 2020) nos lugares onde eu estava, um deslocamento constante e inacabado, em que muitos momentos me des/reconstrói ou fere.

Foi como se eu pudesse repensar, ou melhor, ressignificar tudo. Principalmente os silenciamentos, dentro desses, os criados por ser mulher. As respostas do tipo: Ah, menininha não faz assim; Você é tão teimosa; Como vai conseguir arrumar um namorado?; Precisa usar saia; Senta com a perna fechada; Vai pra igreja; Faz o que eu tô mandando; Faz porque eu tô mandando.

Desta forma, levando em conta que as identidades são performadas via linguagem, constituindo assim o mundo social (Fabrício, 2006), “todas as práticas de significação e que produzem significados envolvem relação de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído” (Woodward, 2003, p. 19). Isto posto, precisamos refletir sobre uma construção de sociedade que possa ter a sensibilidade perceber as narrativas plurais e diversas que a compõem. E, que possa constituída de forma horizontalizada e não hierarquizada e pensando em um espaço que possibilite a compreensão das relações que se entrelaçam e se conectam construindo o eu e a/o outra/o.

O ensino médio foi um período difícil, porque essas diferenças começaram a me perseguir o tempo todo. Eu nem pensava em vestibular, o que os meus pais achavam terrível, pois estavam aqui em uma cidade maior, com condições “melhores” para que nós, os filhos, tivéssemos um futuro melhor. Na escola, possuía um nome, um número na chamada e fazia as avaliações, nada mais bancário que números, não?! Como explicitado criticamente por Paulo Freire (1987) sou consequência de uma educação que me transformou em vasilha, um recipiente. Além das salas extremamente lotadas onde mal dava para transitar entre uma carteira e outra, os professores precisavam usar microfones, não por causa do barulho (havia vigias disciplinares nas janelas que se encarregavam disso), mas porque as salas eram muito cheias e os alunos que se sentavam no fundo não conseguiam escutar direito. A interação social era proibida, só podíamos falar com o professor. As vigias conseguiam ver quem estava prestando atenção em outra coisa ou escrevendo algo que não era da matéria, então tiravam essas pessoas

**OS NÓS DO MEU QUIPU:
des/re-territorializações identitárias em um estudo
autoetnográfico de formação docente**

da sala e davam advertência, fui uma dessas pessoas muitas vezes.

Desta maneira, concluí o ensino médio em uma realidade de escola particular, meus pais se endividaram por acreditarem no tão falado potencial transformador da educação. Toda essa produção de sentido é vendida por meio das relações de poder que estão vinculadas entre ensino público e ensino particular, uma vez que minha mãe e meu pai foram escolarizados em escolas públicas, ela no interior de Minas Gerais e ele no interior de São Paulo, como elucida Libâneo (2012, p. 23), a escola que sobrou para os pobres. Agora, como professora de linguagem entendo a sala de aula com um espaço fronteiro de construção do eu e da/o outra/o, uma ideia de “fronteira que une [negando] os fundamentalismos”, deste modo, o caráter emancipatório, autônomo e libertador.

O espaço escolar sendo um dos primeiros espaços de contato com narrativas e ideias diferentes (Moita Lopes, 2013), sobretudo as sociabilidades da sala de aula, possibilita às/aos estudantes e a/o professora/or um entrelugar de possibilidades de (re)pensar as realidades. Posto isso, essas condições propiciam problematizações dos atravessamentos identitários presentes no contexto de cada um, assim podendo estimular a consciência do mundo e da diversidade presente na sociedade, além da possibilidade de ampliar o olhar sobre a própria existência. Por mais que na pós-modernidade essa/o sujeita/o viva em um cenário sem estacas identitárias e em um lugar de areia movediça, ainda existe um abismo entre identidades tidas como hegemônicas e as tidas como subalternas. O que – a meu ver – torna-se necessário propiciar espaços de fala – locais em que alunas/os se vejam agentes na produção de sentido (Silvestre, 2017) mais plurais para que as narrativas coexistam e assim posso auxiliar no processo de auto-formação.

Assim, as tensões na transformação das identidades (Hall, 2000) tratado aqui como nós das relações para pensar o desatar desse nó pensando assim numa nova articulação entre essas partes e desestabilizar, antes de tudo, essas relações de poder no meu imaginário, para que através dessas reflexões proporcionadas pelo diálogo entre as minhas memórias. E, sobre como é importante se pensar nessa relação do deslocar e a abstração civilizatória (Krenak, 2020, p.22) que castra “a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos”.

Está sendo no movimento de dar e desatar esses nós que a minha existência tem sido ressignificada, ao escrever minhas memórias a me reconectei com uma possível ideia de quem sou sem esses construtos que desrespeitam a minha alteridade e anulam minha identidade. A linguagem torna possível viabilizar essas vivências e como o cantor Criollo diz na música Espiral de ilusão, quero proteger minha raiz de sensibilidade, porque é nela que posso me encontrar quando se trata dessa busca pela confortadora narrativa do eu.

Terceiro Nó

O recurso de visitar as minhas memórias me leva entrar em contato com a Letícia de outras partes da minha existência, que pensava e agia de outras maneiras, me deixei afetar em todo o processo por sentimentos que se entrelaçavam entre passado e presente. Como enunciado por Silva (2000, p.101) “a multiplicidade é um movimento[...] que se recusa a se fundir com o idêntico”, então, tornar consciente a multiplicidade do eu existente nas narrativas pessoais nos possibilita des/reconstruir produções de sentidos que apenas ferem, para que assim possa surgir novas produções de sentido que podem ser validadas, principalmente, quando as relações de poder são desestabiliza das com problematizações que podemos fazer quando percebemos a realidade de maneira crítica. O que permeou o olhar que tive durante todo esse cordão, como se fossem as cores que dão sentido, alteridade e vida aos nós, foi a afetividade.

Sendo assim, esses nós deixaram de ser somente crises, agora passaram pela percepção de que não são definitivos, ou finais, afinal, nós podem ser desfeitos e refeitos. Logo a afetividade, não ligada simplesmente ao senso comum do afeto romantizado, mas sim, pelo afeto que afeta, toca a subjetividade auxiliando nessa percepção sensível e consciente do eu. Parece redundância fazer essa exposição, mas estamos tão acostumados a confundir afeto com cuidado, amor, empatia entre outros sentimentos que remetem à sentimentos considerados bons que esquecemos que somos afetados o tempo todo por diversas situações e contextos ao nosso redor. Vale ressaltar o que Humberto Maturana (1998) aponta sobre sermos mamíferos e ele considera que “os mamíferos são animais em que o emocionar é, em boa parte, consensual e das emoções o amor em particular desempenha um papel importante” (Maturana, 1998. p.28). Logo, a linguagem se constitui e se dá no fluir das coordenações consensuais de ação e, portanto, não na “cabeça, ou no cérebro ou na estrutura do corpo, nem na gramática ou na sintaxe” (Maturana, 1998. p.25).

A linguagem afeta o corpo orgânico, é o que expõe o professor psicanalista Daniel Omar Perez (Casa Do Saber, 2020), sobre o modo como nos referíamos a/o outra/o afeta o corpo da/o outra/o produz sensações corporais no corpo da/o outra/o. Desta maneira, a linguagem é fundamental para provocar sensações, emoções, afetos. Posto isso, a conformação dos grupos identitários reivindica uma voz para ser escutada (Perez, 2018), não somente os grupos, como a/o própria/o sujeita/o que tenta rejeitar no espelho fragmentado a imagem/ narrativa sobre si. À vista disso, o corpo do ser humano, não é apenas meio, também é um começo (Santos, [Nêgo] Bispo, 2021). Essa é uma relação entre pertença social e individualidade, pois os significados que um corpo carrega traz consigo a humanidade toda por meio da memória. Logo, percebo a minha individualidade quando começo a dizer eu ao mesmo tempo que faço parte de um todo

**OS NÓS DO MEU QUIPU:
des/re-territorializações identitárias em um estudo
autoetnográfico de formação docente**

nós. Portanto, os pensamentos têm influência no corpo assim como o corpo tem influência nos pensamentos (Perez, 2020).

Se tonou torturante ter que me afastar do fato que eu ia perder meu avô, ele que tinha tanta coisa para me falar ainda, que como repetidas vezes citei aqui deu meu sobrenome. O fato de ter me mudado de SP, de ter perdido anos que podia ter passado com ele. Foram questões que me afetavam muito. Meu pai também não estava bem, foi diagnosticado com depressão, perdeu a empresa que tinha, minha mãe estava aguentando a barra e eu não podia deixar ela sozinha. Meu relacionamento de 8 anos havia terminado. Enfim, foi um período difícil de tragar. Em agosto de 2019 com fim da antiga pesquisa, no dia 21 de agosto meu avô faleceu, a partir desse dia ele não é presente e nem seria futuro, ele é memória.

Escrever sobre isso e ler sobre esse afeto ainda me afeta, estar estudando sobre memória, identidade, ascendência me deixou mais perto desses sentimentos, mas não é como se esse sentimento que vem fosse bom ou ruim, mas me ajudou a passar esse momento da minha vida de forma consciente, eu estava presente nessas produções de sentido porque escrevi sobre elas. Deste modo, a ambivalência, explorada por Freud dentro da construção do eu, é trazida por Hall (2000) nos estudos de identidade cultural, justamente, porque estão intrínsecas às relações que estabelecemos entre o eu e a/o outra/o, também, com a própria existência.

Assim, compreender que a impulsão externa se entrelaça às produções de sentido e afeta meu corpo é de grande importância para pensarmos – e participarmos ativamente da sociedade, no meu caso como professora – em uma sociedade que não acolhe reproduções hegemônicas e que não apaga ou essencializa as identidades. Vale pensar, nessa relação de impulsão como colocado por Daniel Omar Perez (Transcrição de fragmento do curso Afetos, Sentimentos e Emoções, 2020),

com a ausência, nos últimos anos, de objeto a energia do impulso volta ao corpo sem mediação, então se encontra o sintoma somático, como a ansiedade. As indústrias, tanto farmacêuticas quanto das drogas lícitas, atuam nesse ponto como anestesia do corpo. O que não resolve o problema, que é o laço. Em contato com o excesso de informação, o excesso de possibilidade de se fazer qualquer coisa, as sensações, emoções que tem a ver como rompimento do laço social. Causando retração do próprio corpo e um retorno ao corpo em forma de sintoma somático, um escoamento dessa energia acumulada.

Tendo isso em vista, a relação com o corpo é ignorada, ou tratada de maneira superficial, quando se trata de lugares de formação, somos afetados tanto como alunas/os quanto professoras/es. Quando evidencio as relações com a escola percebo que sou afetada e isso transforma a maneira como quero me relacionar com as/os outras/os hoje e é um processo

contínuo. Pois, reconheço que as sensações, emoções, afetos que são criadas quando essas identidades são performadas (Butler, 1999) e tem influência na formação social.

Desenlace inacabado

Em um contexto marcado pela fragmentação identitária e pelos legados do projeto moderno-colonial, assumo o que Fabrício (2006, p.49) denomina "postura crítica perante a linguagem" - um compromisso ético-político com a transformação social que, contudo, deve permanecer vigilante contra a simples substituição de regimes discursivos hegemônicos. É nesse espaço intersticial que se tecem relações constitutivas do eu e do outro, em tramas simultaneamente subjetivas e coletivas.

Minha narrativa dialoga criticamente com processos sociais de silenciamento que atravessam minha história familiar e, em escala ampliada, marginalizam vozes plurais na sociedade brasileira. Corremos assim o risco - como alerta Adichie (2019) - de eleger uma única história como História. Para meu eu fragmentado, buscar uma narrativa integradora significou ressignificar memórias através desta pesquisa, descobrindo a multiplicidade rizomática de minha constituição identitária. Sou Glória Maria de Jesus, Maria Aparecida do Carmo, Gislene Aparecida Amaral Gottardi, Larissa Gottardi - um entrelaçamento de subjetividades que me habitam, em permanente estado de incompletude freireana.

Desatar os nós desse Quipu existencial me permitiu seguir os fios em suas espessuras diversas, tomando consciência de minha constituição como sujeita fronteira. Concluir esta pesquisa - doloroso processo de revisitação mnêmica - transformou-se em ato político: como primeira mulher de minha família a graduar-se em universidade pública, ecoo o sonho transformador de minhas ancestrais, ainda que por caminhos que elas não poderiam antever. Escrever academicamente sobre minhas praxiologias é um duplo ato de empoderamento: afirmação epistêmica e resistência às estruturas acadêmicas que ainda privilegiam reproduções hegemônicas.

Esta escrita de si foi fundamental para mapear os atravessamentos que moldam minhas memórias. Ao produzir sentidos através da autoetnografia, localizei-me criticamente no mundo e assumi a responsabilidade por meu lugar de existência - desfazendo e refazendo nós narrativos com autonomia. Compreendo agora que só sou porque sou através dos outros, numa sociedade que é justamente a articulação dessas vozes múltiplas sob a estrutura moderno-colonial. Romper com a história única sobre minha existência (Adichie, 2019) permitiu semear novas possibilidades narrativas. Concluir este trabalho não é fim, mas um movimento contínuo de (r)existência.

**OS NÓS DO MEU QUIPU:
des/re-territorializações identitárias em um estudo
autoetnográfico de formação docente**

Portanto, cinco anos após a escrita deste texto, reconheço como a não linearidade e o rizoma atravessam minha construção de pensamento. A vida não segue uma linha reta; a história tem seu próprio tempo – *chronos* para alguns, *kairós* para outros –, mas seu sentido depende sempre de quem a narra. Este texto é, assim, um registro da minha trajetória na academia, uma memória viva de minha formação como pesquisadora.

Alguns poderiam argumentar que este texto já não representa algumas perspectivas, pois foi a pesquisa de TCC que escrevi entre 2019 e 2020, porém, ele se mantém como testemunho epistemológico. Como professora, aprendi ao longo desses anos que a docência implica justamente a criação de um espaço seguro para a falha e a reelaboração – dimensões fundamentais do ato educativo. Higienizar a memória, seja em sua dimensão subjetiva ou social, significa negar a dialética complexa que constitui a temporalidade histórica.

Nesta era marcada pela estetização digital – onde filtros e narrativas que fabricam perfeições descartáveis –, este texto assume o caráter de uma fotografia analógica do meu percurso como pesquisadora e docente: revela as texturas, as sombras, os clarões e os borrões que compõem, em sua materialidade, a tessitura de uma existência acadêmica situada. E, em tempos de intensas discussões sobre o uso de inteligência artificial na escrita acadêmica, que padronizam vozes e apagam subjetividades sob a ilusão de coerência algorítmica, reexisto ao registrar: este texto – com suas fissuras, hesitações e contradições – é parte da minha assinatura intelectual. Nele, meu pensamento se move como o Quipu que me inspirou: sistema de nós que guarda histórias não na linearidade, mas nas entrelinhas, entre os fios.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

ÁGUAS, Carla Ladeira Pimentel. A tripla face da fronteira: reflexões sobre o dinamismo das relações fronteiriças a partir de três modelos de análise. In: **Fórum Sociológico**. Série II. CESNOVA, 2013.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. **Usos e abusos da história oral**, v. 8, p. 183-191, 1996.

BUTLER, Judith; DA SILVA KNUDSEN, Patrícia Porchat Pereira. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. **Estudos Feministas**, p. 161-170, 2010.

CIASCA, Kaian Nóbrega Maryssael. Memória, identidade e território: mapas afetivos como indicadores de hábitos culturais. **Revista do centro de pesquisa e formação**, n. 6, p. 207-221, 2018.

COUTO, Regiani Leal Dalla Martha. **Narrativas orais de experiência pessoal: um enfoque laboviano**. 2013.

CRISTÓVÃO, Leandro da Silva Gomes. Dizer-se. Narrar-se. Etnografar-se. **Veredas** -

Revistade Estudos Linguísticos, v. 22, n. 1, p. 264-270, 2018.

DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. A thousand plateaus, trans. Brian Massumi. 1987.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Ed.). **The landscape of qualitative research**. 5th ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2018.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa**: tempo, memória e identidades. *História oral*, v. 6, n. 1, p. 9-25, 2003.

DO AMARAL ESCOBAR, Karin Alves. Modernidade e pós-modernidade: promessas, dilemas e desafios à condição humana. **Cadernos UniFOA**, v. 5, n. 12, p. 71-80, 2017.

FABRÍCIO, Branca Falabella. *linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”*: restrições em curso. In: LOPES, Moita. **Por uma linguística indisciplinar**. São Paulo: Editorial Parábola, 2006. p. 45-65.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa, 19. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOTTARDI, Letícia. **(Des) caminhos na escrita de si**: pinceladas construídas sobre/em/com trabalhos de conclusão de Curso em Letras. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Goiás (Brasil). Acesso em: 2025. Disponível em:

https://www.bdt.d.ueg.br/bitstream/tede/1243/2/DISSERTACAO_LETICIA_GOTTARDI.pdf

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 103-133.

HOELZLE, Maria José Lacerda Rodrigues. **Desestabilizando sociabilidades em uma sala de aula de língua inglesa em uma escola pública**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Goiás, 2016.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Editora Companhia das Letras, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARTINS, José de Souza. O tempo da fronteira retorna à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. **Tempo social**, v. 8, n. 1, p. 25-70, 1996.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Gênero, sexualidade, raça em contexto de letramentos escolares. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Por uma linguística indisciplinar**. São Paulo: Editorial Parábola, 2006.

ONO, Fabrício Tetsuya Parreira. **Possíveis contribuições da autoetnografia para investigações na área de formação de professores e formação de formadores**. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, v. 22, n. 1, p. 51-62, 2018.

**OS NÓS DO MEU QUIPU:
des/re-territorializações identitárias em um estudo
autoetnográfico de formação docente**

P. (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente**: festschrift para Antonieta Celani. São Paulo, Parábola Editorial, 2013. p.227- 247.

PEREZ, Daniel Omar. **Afetos, Emoções e Sentimentos**. Curso online ministrado por Daniel Omar Perez [São Paulo: Casa do Saber. 15/09/2020], 2020. 6 vídeos (6h). Online. Publicado pelo site Casa do Saber. Português. Disponível em: <https://casadosaber.com.br/home/>. Acesso em: 15 set. 2020.

PEREZ, Daniel Omar. O populismo, a massa e a afetividade. **CONJECTURA**: filosofia e educação, v. 23, n. Especial, p. 171-196, 2018.

RAMOS-SOARES, Wilker. Papo de Menin@s: GORDOFOBIA NAS ESCOLAS – Como tem sido (re)construído as identidades corporais plurais no contexto educacional?. Webinar apresentado por Wilker Ramos Soares [Anápolis: YouTube. 05/08/2020], 2020. 1 vídeo (1h 31min 42seg). Online. Publicado pelo canal **Papo de Escola**. Português. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8qoidIiviL0>. Acesso em: 10 set. 2020.

REZENDE, Tânia Ferreira; DA SILVA, Daniel Marra. **Desobediência linguística**: por uma epistemologia liminar que rasura a normatividade da língua portuguesa Linguistic Disobedience: towards a liminal epistemology that shaves the Portuguese language normativity. **Revista Porto das Letras**, v. 4, n. 01, 2018.

SILVA, Michael da. **Praxiologias de Educação Linguística Crítica em um Cursinho Popular**: uma Autoetnografia Docente. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso da pós-graduação (*Lato Sensu*) – Universidade Federal de Goiás, Anápolis, 2020.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.

SILVESTRE, Viviane Pires Viana. **Práticas problematizadoras e de(s)coloniais na formação de professores/as de línguas**: teorizações construídas em uma experiência com o Pibid.2016. 239f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar**. UFMG, 2010.

VETTORASSI, Andréa. Mapas afetivos: recursos metodológicos baseados na história oral e reflexões sobre identidades espaciais e temporais em estudo sociológico. In: **História e Cultura**, Franca, v. 3, n. 3, p. 155-176, dez. 2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. SITomás Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petr Vozes [2 ed.], 2003. p. 7-72.

ZAMBONI, Marcio Bressiani. **A População LGBT Privada de Liberdade**: sujeitos, direitos e políticas em disputa. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2020.